



Sertões da Imaginação

Foi num dia de cão de 1970 que li "Os Sertões". Dias de cão, pelo tempo, e pela época. Tempo de leitura, época de repressão aguda. Eu estava entre cadeias, duas já provadas, outra me esperando. Tudo que escrevia me censuravam. Claro, já tinha olhado Euclides, no colégio, mas, por ser no colégio, não valeu. E os paralelepípedos da "linguagem nobre" da literatura brasileira e portuguesa sempre me irritaram à fúria ou me entediaram às lágrimas.

Mas em certos momentos de tensão só consigo ler coisa pesada. Os "thrillers" que me dão fuga do cotidiano, ou os autores favoritos que me socorrem em angústias maiores ou acessos ocasionais de sentimentalismo (que imagino lirismo), não funcionam nesses momentos. Ou bebo à inconsciência ou vou a algo ilegível. Por que não "Os Sertões"? Aos 40 anos, em 1970, perdi o medo de lacunas culturais. Deixei de ler vários autores célebres, com muita honra. Euclides era diferente. Afinal, sempre achei que se no Brasil houvesse alguma mudança social, viria da roça. Nossa civilização urbana é humor barato. Na roça, em estado semivegetal, está o povo, à espera de um aiatolá, porque não entende a linguagem marxista ou tecnocrática das cidades, ambas modelo-importação dos mais reles, à parte inaplicável aos nossos escravos do campo.

Todo mundo me disse que não lesse "A Terra", que era chatíssimo, e que lesse "O Homem e a Luta", que, apesar do estilo "rococó", tinha "momentos".

Conformista como sou, comecei pela terra. Chatíssimo, sem dúvida. E há minha ignorância geológica, somada ao fato de que os cientistas mudam toda hora de opinião, que nos impõem dogmaticamente, sem sequer pedir desculpas pelos velhos erros ao nos oferecerem os novos.

Paulo Francis



Paulo Francis é jornalista, crítico literário e escritor, autor de Cabeça de Papel, Cabeça de Negro e O Afeto que se Encerra, entre outras obras.